



Imprensa esportiva é coisa séria¹

Moema Morais RABELO²

Paulo Fernando Borges de AQUINO³

Saulo Araújo AGUIAR⁴

Cíntia Cerqueira CUNHA⁵

Universidade de Uberaba, Uberaba, MG

RESUMO

A intenção deste estudo é analisar alguns temas da imprensa esportiva brasileira. Partindo desse limiar, as análises e referências contidas neste material visam indicar aspectos determinantes da cobertura esportiva no País, sobretudo nos últimos anos, com o advento da mídia *on-line*. Baseado em análises de trabalhos opinativos de especialistas da área, o grupo buscou demonstrar o que é e o que pode ser feito para a prestação de um jornalismo de excelência no campo esportivo, um dos mais prestigiados pelo público brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo esportivo; jornais; sites; esporte.

INTRODUÇÃO

No esporte, o Brasil é destaque positivo em nível mundial. Em várias modalidades, o País se faz presente nos lugares mais altos do pódio. A única seleção pentacampeã mundial de futebol é a brasileira. É do Brasil a melhor seleção de vôlei do Mundo, além do atual recordista mundial dos 50 metros livres na natação, César Cielo, hoje no clube mais popular do País, o Flamengo. Esta é a nação de Hortêncina, Pelé, Ayrton Senna, Ronaldo e tantos outros esportistas consagrados pelos resultados obtidos em competições internacionais. No entanto, quando se trata do Jornalismo Esportivo, responsável por transmitir todas as notícias da área ao grande público, o país mostra que tem muito a aprender para um dia conquistar a medalha de ouro da modalidade.

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 13 a 15 de maio de 2010.

² Aluna do 6º. Semestre do Curso de Comunicação Social/Habilitação em Jornalismo da Universidade de Uberaba, email: moemamrabelo@gmail.com

³ Aluno do 6º. Semestre do Curso de Comunicação Social/Habilitação em Jornalismo da Universidade de Uberaba, email: paulofernando1981@gmail.com

⁴ Aluno do 6º. Semestre do Curso de Comunicação Social/Habilitação em Jornalismo da Universidade de Uberaba, email: sauloaguiar2@hotmail.com

⁵ Orientador do trabalho. Professora do Curso Comunicação Social da Universidade de Uberaba, email: cintia.cunha@uniube.br



Vale lembrar que o Jornalismo Esportivo só se desenvolveu por conta da popularização do esporte, sobretudo remo e futebol. Ainda assim, desde o início, sempre foi uma especialidade de menos relevância dentro das redações, ainda mais se comparada a outras editorias, como política e economia. Por isso, talvez, não se exigia a especialização e estudos mais aprofundados presentes nas outras áreas.

O jornalista esportivo e historiador Adriano Neiva (1954), também conhecido como De Vaney (1907-1990), cita, de forma concisa, porém explícita, a situação, até certo ponto, desonrosa deste profissional no início do século passado. Ele conta como que as funções dos cronistas não eram fixas, que a maioria trabalhava de graça e que a regra geral era que o profissional jamais disfarçava as suas preferências por este ou aquele time.

O cronista Ruy Castro, por sua vez, aponta de forma clara o quão desvalorizados já foram (e ainda são) os profissionais que escolhem esta área de atuação. Em o *Anjo Pornográfico*, ele diz que “não fosse pelo lanche que os clubes ofereciam nos dias de treino, alguns desses repórteres morreriam de fome”, referindo-se aos profissionais do nem tão distante ano de 1927.

Assim já era no início do século XX e ainda perdura em alguns veículos atuais. Porém, o Jornalismo Esportivo perde créditos para ele próprio quando deixa de investir na formação de bons profissionais e no oferecimento de melhores produtos aos seus leitores – leia-se, clientes.

OBJETIVO

O estudo apresentado neste espaço foi baseado em aproximadamente dois meses de pesquisa e leitura diária de sites especializados em imprensa esportiva. Ao todo, foram três os veículos pesquisados. Dois deles por indicação da orientadora do trabalho, e um por opção do grupo.

A priori, o estudo consiste em levantar informações exatas de como é a pauta diária desta imprensa. O que é mais importante – confirmando ou não se o futebol é mesmo o carro-chefe desta editoria. Assim, cabe a análise e a constatação se a imprensa esportiva está trabalhando com profissionais ou amadores, os quais agem muito mais com a emoção do que a regra propriamente dita.

Nos dois sites pesquisados, (www.abril.com.br/esportes) e (www.revistatrip.uol.com.br/esporte), além do site (www.g1.globo.com/esporte),



também estudado pelo grupo, percebe-se uma grande diferença, não de conteúdo, mas na forma como repassá-lo ao público.

No decorrer dos estudos foi possível observar que, apesar de se tratarem de sites diferentes, o conteúdo, muitas vezes, era exageradamente semelhante, deixando sem opção o internauta. Ainda assim, muito se evoluiu. Hoje, apesar de dominante, o futebol não é tudo neste tipo de veiculação digital. Além disso, a opinião é explicitada sempre com profissionais ou ex-atletas da área em questão, dando credibilidade aos textos.

Entrementes, um dos objetivos principais do grupo foi alcançado: descobrir se o Jornalismo Esportivo recebe a atenção merecida por parte dos profissionais. A resposta é não. Muitas vezes, trata-se o leitor mais como torcedor, o que é errado. Antes de tudo, o tema deve ser apresentado de forma idônea e sem comprometimento com as partes. Apesar disso, a participação do público é algo que merece destaque.

JUSTIFICATIVA

Como se fosse a camisa do nosso clube de coração, a tarefa de estudar a imprensa esportiva caiu como uma luva para os integrantes do grupo, todos, apaixonados por esporte e, logicamente, por jornalismo.

Jornalismo é paixão. Mas paixão não é tudo. É preciso ser profissional para que tudo saia da melhor forma possível. Por isso, a necessidade evidente de formação superior e – importante – da especialização na área de atuação.

Apesar de se tratar de esporte, assunto “leve”, interessante e de âmbito também do entretenimento, é preciso, como em todas as áreas, contar com profissionais sérios e comprometidos com a causa jornalística, e levar sempre a informação verdadeira, precisa e nova ao seu leitor.

Atualmente, isso tem sido executado nos grandes jornais. Se comparado a outras editorias, o espaço ocupado pelo Jornalismo Esportivo tem aumentado de forma substancial, sobretudo por conta do conceito de Cultura de Massa, onde o povo pauta a mídia.

Esse ganho de espaço também aumentou a responsabilidade dos profissionais que cobrem essa área. Nota-se que autonomia do jornalista esportivo é muito grande, uma vez que o mesmo tem maior liberdade se comparado a repórteres de outras áreas,



pois, bem lembra Amaral (1969), há menos entrave na análise do esporte do que da política ou economia, por exemplo.

Pela própria natureza e finalidade do campo, “o esporte é, sobretudo, entretenimento”. Por isso, a seção de esportes, se comparada às demais no jornal, “goza de bom grau de independência”. Esta autonomia, mesmo que relativa em determinados casos, é determinante na tematização do esporte, pois é nesta editoria que as variadas falas, os inúmeros pontos de vista são aceitos e cultuados. (AMARAL, 1969, p. 11)

No site da *Abril*, uma das mais respeitadas editoras do País, a legibilidade é em geral bastante adequada. Apesar de, às vezes, deixar a desejar no que diz respeito a utilização de recursos mais avançados para atrair o leitor. Porém, neste site, não se peca por um dos principais erros do jornalismo: a falta de informação. Notícias, matérias, notas e elementos multimídia não faltam, bastando ao leitor procurar o que melhor irá atendê-lo.

A *Abril* saiu na frente, com o link “Fórum”, no qual os leitores discutem assuntos relevantes do dia, da semana ou do período em que vivemos, como, por exemplo, a trapaça de Nelsinho Piquet na Fórmula 1 ou a escolha da sede das Olimpíadas de 2016, onde o Rio de Janeiro foi eleito. Promover essa discussão entre os leitores é um dos grandes trunfos da página. Mas, não se pode deixar de citar o fato dos *blogs*. Opinião, no esporte, é algo que atrai o torcedor. Por isso, os *blogs* chamam tanta atenção. No caso da *Abril*, quase todas as modalidades têm um *blog* com algum especialista sobre o assunto comentando algo relevante.

No site da *Revista Trip*, uma coisa que deve ser levada em consideração é a linguagem atrativa, por usar termos simples e atrair cada vez mais o público jovem. O interessante é que a página, diferentemente da grande maioria, não supervaloriza o futebol, fazendo do esporte bretão brasileiro o carro-chefe de diversas publicações. Skate, Surf, *Mountain Bike* e outros esportes alternativos ganham espaço e força na *Trip*.

A *Trip* faz algo interessante e que, na visão do nosso grupo de estudos, deveria ser tomado como exemplo por outros meios. Investem em profissionais jovens, inserindo-os no mercado, tornando a linguagem jovial e atraente. É imprescindível, entretanto, tomar cuidado para não errar pelo exagero. Ainda que o público jovem



mereça atenção, é preciso pensar nos “quarentões” que gostam de esportes radicais, por exemplo.

No entanto, o site é réu em um dos piores pecados do jornalismo *on-line*, sobretudo o esportivo: demora muito para atualizar sua página. Ou seja: em um meio em que vale mais a velocidade, a revista sai atrás, muito atrás. Durante os dias em que a página foi pesquisada, notou-se que a matéria principal – aquela que fica na rotativa – permaneceu a mesma por três dias seguidos. É muito tempo em se tratando de jornalismo digital, o qual tem a vantagem de ser atualizado a qualquer momento. Em suma, vale acompanhar a revista pelo diferencial em optar por esportes não tão divulgados em outras páginas. Porém, ainda há muito o que melhorar.

As *Organizações Globo*, vistas por muitos como um grande monopólio, agressor e, muitas vezes, opressor, podem e devem ser criticadas pela política de manter os direitos exclusivos de várias competições, inclusive e principalmente Copa do Mundo e Olimpíadas. Ora, os brasileiros que não têm acesso à TV fechada são obrigados a se contentar com apenas um canal. Não há direito de escolha. Sem dúvidas, a política de cotas deve ser revista. Entrementes, não é esse o foco da discussão e, falando em competência jornalística, não se pode discutir que a *Globo* é competente.

No site da *Globo* dedicado aos esportes, o leitor viaja por todas as áreas esportivas e navega pelos gramados, saltando para a areia, chegando a ginásios e terminando dentro das piscinas. Em todos os esportes, o *site* dedica atenção especial, sempre renovando o conteúdo, demonstrando que está atento aos anseios do apaixonado por esportes, o qual busca por notícias todos os dias, seja para assistir aos gols da rodada, seja para ler sobre a Copa do Mundo de Turfe.

O grande diferencial da *Globo* frente aos outros sites pesquisados é o poder de atualização. A página principal não será a mesma daqui a dez minutos. Mesmo que a matéria principal seja a mesma.

Por exemplo: no caso do escândalo do piloto Nelsinho Piquet, a matéria passou praticamente a manhã toda do dia 23 de setembro como sendo a principal, o “abre-alas”. Porém, em intervalos de 10 em 10 minutos, trocava-se a foto e o título. Ou seja: uma atualização. Na reta final do Campeonato Brasileiro, as atualizações eram constantes e o torcedor pôde se esbaldar com informações novas. Isso faz diferença em se tratando de jornalismo.

Apesar de o futebol ser mesmo o principal produto do site, nada impede que outros temas, desde que de interesse público, tomem conta da página inicial. Isso



demonstra abertura e democracia. Por outro lado, para quem só gosta de futebol, a navegação é muito simples, fácil, concisa e qualquer um chega aonde quer chegar, dada a facilidade de se localizar conteúdos.

Não pode, porém, o leitor acreditar, de forma errônea e antecipada, que este site não tem seus erros, porque tem, sim. Erra pelo exagero. Exagero de fotos e cores. Há quem goste. Mas, por se tratar de imagem, pode até mesmo cansar e desanimar quem o visita. No caso do grupo, entendeu-se que pode haver uma adequação no sentido de suavizar a página. Apesar disso, o fato de ter fotos e cores demais não afasta o leitor interessado na notícia.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Além do livro *Jornalismo Esportivo* (2003), de Paulo Vinícius Coelho, também foram pesquisados os sites, como é já de conhecimento do leitor.

No livro, Paulo Vinicius Coelho, colunista da *Folha de São Paulo*, expõe, de forma clara e objetiva, o que deve ser o Jornalismo Esportivo: comprometido com o leitor. Além disso, conta histórias interessantes de veículos que deram certo e também daqueles que pararam pelo meio do caminho.

Por se tratarem de três sites, cada aluno ficou responsável por acompanhar um. No entanto, todos visitaram de forma esporádica os sites que o colega estudava, para, dessa forma, todos terem as informações necessárias para abordagem e defesa deste trabalho.

CONSIDERAÇÕES

A cobertura esportiva é restrita quase que totalmente ao futebol no Brasil. As notícias relacionadas com o esporte, sobretudo em dias de jogos, figuram sempre nas primeiras páginas dos jornais. O futebol é visto como o maior fenômeno cultural do país. Assim, o Jornalismo Esportivo acaba por ser tachado de subjetivo e repetitivo.

Mas futebol também é notícia. E parece que os veículos de comunicação andam se esquecendo disso. A falta de isenção das transmissões, incluindo a manipulação sonora, prática que já se tornou corriqueira em jogos com microfones abertos no estádio, permite distorções de toda espécie.



Sobra e predomina a emoção e falta notícia nas transmissões esportivas. Há um tom claramente ufanista em muitas delas, com gritos, explosões de alegria, de susto ou de indignação. Mas as informações acabam fora de campo, isoladas por opiniões categóricas a respeito de tudo. Talvez baseada na principal lei da mídia é que a tevê odeia o vácuo. E, para preenchê-lo, há muita conversa nem sempre bem articulada. Não é uma questão de competência, mas de formato.

O atual modelo valoriza a emoção acima de tudo. E isso não parece ser o bastante, pelo menos para profissionais críticos da área. Para o torcedor, o que importa são os jogos, os dribles, as disputas, os estádios lotados e, sobretudo, os gols que satisfazem totalmente o simpatizante do futebol. Por isso, os demais esportes terão que se contentar com os postos de meros coadjuvantes, mesmo a cobertura futebolística sendo feita tão precariamente.

Diante da pesquisa, nota-se, assim como Paulo Vinicius Coelho, no livro *Jornalismo Esportivo* que a área carece de muitas coisas, sobretudo da real e urgente necessidade de apuração da notícia. Na busca por noticiar algo exclusivo e bombástico, presenciemos casos de apenas um título – isso mesmo, um título – ser colocado no ar, com a promessa de que novas informações virão posteriormente.

Logicamente, tal estratégia serve para prender o leitor e isso deve ser levado em conta. Mas, por outro lado, mostra o despreparo e o “correr risco” de o anúncio feito não ser verdadeiro. É como, por exemplo, se escutássemos neste instante que o presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) proibiu a convocação de atletas negros e, sem averiguar, colocássemos a notícia no ar, somente com a intenção de guardar nosso lugar. E se a notícia for mentirosa, tiver sido inventada por algum desocupado? Aí, perde-se em credibilidade, algo horrível para o jornalismo de qualquer área.

Por isso, o trato com as fontes é tão importante. Na rotina da cobertura esportiva, é possível ler dez matérias sobre um mesmo esporte e que, nos dez casos, a fonte é a mesma. Nada contra a fonte, pois em alguns casos é só ela mesma quem consegue dar a informação correta ou mais próxima do ideal. Porém, jornalista é formado para procurar outras fontes e estabelecer interpretações menos estereotipadas.

Outra observação é que, na busca por encher a página, os *sites* fazem algo muitas vezes imperceptível aos olhos do leitor. Dividem um texto, que poderia ser tranquilamente uma única matéria, em três ou quatro pequenos textos, demonstrando ao editor sua boa produtividade e ao leitor, sua alta capacidade de rotação. É preciso, pois,



saber interpretar tal atitude. Olhando inocentemente, é bom, pois o leitor vai ler sobre o tema que lhe interessar e não precisará ficar preso a uma matéria longa. Por outro lado, essas “notinhas” dão uma noção de pobreza no conteúdo e causam a impressão de que o jornalista responsável pela cobertura não conseguiu se aprofundar no assunto.

No Jornalismo Esportivo, confunde-se muito jornalismo com opinião. Assim, não é raro ver matérias carregadas de comentários pessoais, nem sempre corretas, do jornalista. As escolas de Jornalismo têm trabalhado muito a necessidade de distinguir essas modalidades de jornalismo. Porém, muitos profissionais do meio não foram formados academicamente, e isso atrapalha.

Finalizando o trabalho, ainda há outras questões pendentes. Diante dos problemas expostos, é preciso pensar como fica a preparação do Jornalismo Esportivo brasileiro para eventos que acontecerão aqui no Brasil, como a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016 – os últimos, com algumas modalidades quase que totalmente desconhecidas do público e, principalmente, dos jornalistas, os responsáveis por publicá-las e comentá-las de forma compreensível?

Daí a real necessidade dos profissionais da área se debruçarem nos estudos, na formação e na especialização, para que a imprensa não seja apenas um reflexo da sociedade, mas uma reflexão sobre ela (FONSECA, 2005).

REFERÊNCIAS

AMARAL, Luiz. **Técnica de jornal e periódico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**, São Paulo: Contexto, 2003.

FONSECA, André Azevedo da. Jornalismo para a transformação: a pedagogia de Paulo Freire aplicada às diretrizes curriculares de Comunicação Social. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, 2005, Rio de Janeiro.

Anais... São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2005. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0561-1.pdf>>. Acesso em: 7 abr. 2010.

NEIVA, Adriano. “Escrevendo uma história”. In: 60 anos de futebol no Brasil, FPF, São Paulo, 1954, apud PEDROSA, Milton, “A crônica esportiva e o cronista de futebol”, em *O olho na bola*, Rio de Janeiro, Gol, 1968.

